

humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



DUBOIS, Page: *Slaves and Other Objects* (Chicago and London, The University of Chicago Press, 2003) 290 p. ISBN 0-226-16787-9.

Este livro de P. Dubois, professora de Clássicas e de Literatura Comparada na Universidade da Califórnia, San Diego, pretende estudar a problemática da escravatura na Antiguidade grega e sua recepção no mundo contemporâneo. Em termos de estrutura, o livro divide-se em duas partes, designadas como *Objects*, a primeira, e *Texts*, a segunda. A primeira parte centra-se em aspectos da civilização material e na forma como a cultura grega tem sido representada no mundo coevo, concluindo que existe uma grande dificuldade em apresentar os escravos e os aspectos ligados à escravatura, entre os Gregos, nos espaços museológicos contemporâneos. Esse aspecto deriva, por um lado, do facto de a escravatura ser, na Grécia, ubíqua e manifesta em todos os aspectos da vida quotidiana, o que fez dos escravos uma realidade simultaneamente omnipresente e invisível (p. xii). Como tudo o que é evidente, a sua percepção diferenciada torna-se mais complexa. Por ser um facto ordinário e trivial da vida dos Antigos, torna-se particularmente difícil fazê-lo sobressair dos seus contextos de origem. Muitos dos estudos que surgiram ao longo do século XX acerca da vida quotidiana de Gregos e Romanos demonstram precisamente essa desconsideração relativamente à figura do escravo e ao quanto ela era essencial naquela organização social. Por outro lado, os preconceitos e traumas colectivos do Ocidente, em particular da Cultura Norte-Americana, condicionaram igualmente a representação da escravatura na Grécia, considerada o berço dos valores sócio-políticos mais sagrados do mundo de hoje, ou pelo menos dos países ocidentais: a democracia, a liberdade de expressão, o direito à escolha, o Estado de Direito. Com conciliar este aspecto com o facto de a sociedade que lhe deu origem ter sido esclavagista? Como resolver o paradoxo? O passado recente dos EUA, onde o esclavagismo também vigorou como filosofia política e social, tem por isso condicionado as perspectivas dos investigadores sobre as sociedades clássicas, em particular a grega, como que obliterando esse aspecto essencial do universo em causa. Um aspecto a destacar neste livro é, por isso, o tipo de escrita, por vezes é feita na primeira pessoa (pouco comum em trabalhos de natureza científica), de modo a salientar precisamente os ecos derivados das limitações e condicionalismos impostos pelas vivências do investigador ao estudo do seu objecto. Artefactos aparentemente inócuos ou mudos, como um jarro de vidro ou uma estela funerária, podem conter informação preciosa para o conhecimento dos escravos, por exemplo. Há que saber e ousar extraí-la. Por outro lado, há objectos que simplesmente são reinterpretados à luz das concepções modernas e desvirtuados da sua função original ou do seu valor mental primordial. O estudo que a A. faz do dildo e do seu destino histórico é nesse sentido exemplar. Tal como os escravos e os seus respectivos corpos, objectos dessa natureza tornaram-se invisíveis nos

museus do mundo contemporâneo. A Professora DuBois vem assim reequacionar os estudos acerca da Antiguidade Clássica, partindo de uma perspectiva de teoria da análise histórica, em que se valoriza o peso da contemporaneidade e das problemáticas que preocupam os homens de cada época, determinantes e limitadoras na escolha dos objectos de estudo, e redireccionar as perspectivas de investigação, recuperando a existência em parte esquecida desses que também fizeram parte da civilização grega.

A segunda parte do livro apresenta e analisa os textos de vários géneros literários, do teatro à historiografia, passando pela epopeia e pela filosofia, que nos permitem complementar a visão proporcionada pelos objectos ou, vice-versa, que nos induzem a procurar na civilização material vestígios da sociedade de escravos que os testemunhos textuais deixam transparecer. Assim, encontramos aqui uma hermenêutica da teoria social antiga, feita em testemunhos homéricos, euripidianos, aristofânicos, platónicos ou aristotélicos, que motivam igualmente uma reflexão acerca da recepção do tema na modernidade (em especial nos EUA). Também aqui o estudo de caso é merecedor de atenção particular e o exemplo de Esopo funciona como espelho de uma atitude filosófico-científica. Por outro lado, a A. não hesita em ser «politicamente incorrecta» e explorar as posições «rácicas» e etnocêntricas de alguns autores antigos nesta matéria. É nesta segunda parte que o trabalho de DuBois revela maior ousadia e a sua faceta filológica com maior acutilância. Mas é na convergência das duas partes que a originalidade da investigação melhor se manifesta: a filologia une-se à arqueologia, à antropologia, à museologia e à história da arte para que desse modo possamos apreender de uma forma mais completa as vivências antigas e assim possibilitarmos a História como ciência, também neste domínio. Neste sentido, o estudo de P. DuBois é tanto uma investigação no âmbito da História Social como no da História das Mentalidades como no da Filologia pura. Mas o que há de veras a destacar é o ineditismo das questões que coloca, bem como a metodologia definida para a sua investigação. Um livro de veras pouco comum, que deve ser valorizado também por isso.

NUNO S. RODRIGUES